

Fernando Mendes

O sempre simples, sempre humano e — por isso mesmo sempre popular **Fernando Mendes** lança o seu 6º Lp. Seis anos de carreira, seis anos de sucessos. De 1972 até outubro de 1978, quase 1.000.000 — **um milhão** — de discos vendidos, prova irrefutável da grande popularidade e identificação de suas canções com a grande massa do povo brasileiro. Justamente por refletir, em suas letras, as alegrias, os sonhos, as frustrações e a infindável esperança das pessoas mais humildes. Neste novo disco — que já saiu para as lojas com uma super-vendagem antecipada de 100 mil cópias —, as participações de amigos-artistas como Luiz Gonzaga, Dominginhos, Sérgio Dias (dos Mutantes), The Fevers e Sivuca.

A IMPORTÂNCIA DE

LUIZ GONZAGA

A participação de Luiz Gonzaga, o "Rei do Baião", aconteceu, muito particularmente, por motivo de grande afeto e reconhecimento. De há muito Fernando nutria por Luiz Gonzaga e suas composições um grande carinho, não só por suas canções o terem acompanhado durante toda a infância, como pelo episódio (da maior importância) acontecido em 1972.

Fernando, que na época lançava o seu primeiro compacto — "A Desconhecida" —, enfrentava problemas de execução muito próprios de iniciantes na carreira artística. Pensava até em desistir de tudo, quando na verdade a carreira representava tudo o que ele mais sonhava na vida. Certo dia encontrou Luiz Gonzaga nos corredores da Rádio Globo (Rio) e contou-lhe suas mégoas. "A Desconhecida", apesar de toda sua luta, correndo de rádio em rádio para divulgá-la, não estava acontecendo em vendas porque não havia execução suficiente. E se o disco não vendesse, fatalmente teria sido o primeiro e o último. Luiz Gonzaga gostou da música e resolveu ajudar Fernando — pedía aos programadores e disc-jóqueis para tocarem "A Desconhecida": — "A música é boa, o rapaz tem futuro. Vamos dar uma força, gentel Escutem bem o que estou dizendo: vocês ainda vão ouvir falar muito desse rapaz!". E encorajou Fernando a prosseguir: — "Olha, meu filho, não desista não. Eu tenho 50 anos e ainda tô aí, na luta. Vai em frente que você tem um grande futuro!". O velho Gonzaga tinha razão: nove meses depois do lançamento (o que ele chama de "um parto difícil"), "A Desconhecida" subia às paradas de sucessos do Brasil inteiro com força total: mais de 200 mil compactos vendidos, continuando até hoje em catálogo.

Fernando Mendes

1978 - O NOVO LP

No Lp que a EMI-Odeon está lançando, **Fernando Mendes** canta — ao lado de Luiz Gonzaga — o "Baião Collection", uma seleção de baiões que ficaram na história da nossa música popular: "Asa Branca"/"Ovo de Codorna"/"O Chêro da Carolina"/"Qui Nem Jiló" (de Luiz Gonzaga), "Canário do Reino" (Zapata e Carvalho), "Coronel Antônio Bento" (João do Vale e Luiz Wanderley), "Eu Só Quero um Xodó" (Dominguinhos e Anastácia) e "Marinheiro Só" (Caetano Veloso).

Em "Sádico Poeta", Fernando revela-se excelente letrista, em versos que lhe foram inspirados por Castro Alves quando de sua última temporada na Bahia. Depois de "Menina da Platéia", "Menina da Calçada" e "Menina do Subúrbio", Fernando torna a revisitar o tema em "Menina da Janela", contando os amores e ilusões das pessoas mais simples. Uma autocrítica em "Não Tenho Tempo Nem Pra Mim", confessando aos amigos o quanto é dura e incessante a carreira de um cantor popular. "Tainan" conta a história de uma indiazinha da Amazônia, "filha de um deus Tupã". Já "Faz Muito Tempo" reflete a angústia da poluição-sonora das grandes cidades, trazendo saudades de uma vida calma e despreocupada. O que é, na verdade, a essência de "Eu Vim da Roça", um paralelo entre a vida do campo (onde Fernando passou toda a infância e adolescência) e a vida na cidade-grande (onde vive hoje), encerrando com a frase: "Estou aqui agora / Mas não vou ficar".

As canções românticas estão bem representadas neste disco com "Quero Ser Seu Homem de Fé", "Você Não Me Ensinou a Te Esquecer" e "Esperando Bebê" (todas, composições de Fernando) e "Como Nariz de Criança" (de Mário Marcos). Ele gravou também, de uma maneira muito pessoal, a "Valsinha" de Chico Buarque e Vinicius de Moraes, dois dos compositores que mais o influenciaram e que ele mais admira.

Encerra o disco a canção "Borboleta, Borboleta", uma mensagem de alento aos que temem sair pela vida afora e se entregam à solidão.

Importante na obra de Fernando Mendes é a extrema e sensível identificação com as camadas mais populares da população e a sempre maior necessidade de expressar — através de seus versos — os sentimentos das pessoas mais humildes e necessitadas de uma palavra de esperança. O que Fernando Mendes sabe fazer como poucos.

Fernando Mendes

Um segredo de dez anos:

A HISTÓRIA DE "CADEIRA-DE-RODAS"

"Cadeira-de-Rodas", música que Fernando Mendes compôs em 1968, foi o maior sucesso nas paradas brasileiras em 1975: mais de 250 mil compactos e 200 mil LPs vendidos. Apesar de seu apelo emocional, parecia apenas mais uma canção destinada às paradas de sucessos.

O fato é que Fernando nunca contou a verdadeira história dessa canção para que isso não se transformasse em apelação, artimanha muito usada para aumentar a vendagem de um disco. "Cadeira-de-Rodas" foi sucesso pelo que ela tinha a dizer e transmitir às pessoas, não por meros artifícios promocionais. Hoje, três anos depois do grande sucesso nas paradas, Fernando não quer mais esconder o que o inspirou a compor essa música, tanto mais porque representa um fator decisivo que o impulsionou à carreira que hoje o consagrou como um dos grandes cantores/compositores da nova geração e um dos que mais discos vendem em todo o Brasil.

"Cadeira-de-Rodas" foi, na verdade, quem o trouxe à vida artística e o levou a lutar arduamente, ultrapassando todas as habituais barreiras por um lugar-ao-sol. Sua musa inspiradora foi uma menina de sua cidade-natal, Conselheiro Pena (interior de Minas Gerais), sua primeira grande paixão de adolescente. Presa a uma cadeira-de-rodas, havia possibilidade de cura para ela mediante uma operação caríssima no exterior. Nem sua família, nem a de Fernando dispunham de recursos e, por isso, Fernando foi para o Rio de Janeiro tentar vender suas músicas e conseguir o seu intento. Na Odeon, gostaram de suas músicas e de sua voz, e Fernando alcançou as paradas com "A Desconhecida" e "Recordações", que — como primeiros sucessos — não lhe deram a quantia suficiente para a cirurgia. Só em 1975, com o grande estouro nacional de "Cadeira-de-Rodas", Fernando se via em condições de realizar aquilo a que se propunha. Mas o destino reservava uma triste surpresa e, quando Fernando voltou à sua cidade, a menina da cadeira-de-rodas — inspiração e motivo de toda a sua luta — havia falecido. Foi um choque muito grande que só os familiares e amigos mais próximos conseguiram entender e avaliar. Por isso muita gente não compreende o olhar triste de Fernando Mendes, apesar de tanto sucesso alcançado. Até hoje, três anos depois, o sofrimento de ter perdido um grande amor e não ter podido realizar seu desejo de fazer a menina da cadeira-de-rodas andar e serem felizes juntos, continua com ele, que nunca deixa de dedicar-lhe uma de suas canções. Consciente, mais do que nunca, de que o tempo segue em frente, não retrocede e, como no velho refrão, o espetáculo não pode parar.



ODEON

Fernando Mendes

INFLUÊNCIAS E OPINIÕES

Durante muito tempo, a música popular brasileira fabricou mitos, renomeados nacionalmente, mas que não tinham pique suficiente para sustentar as vendas de um LP por motivos básicos: a ausência de bagagem criativa (essa em escala mais acentuada) ou a não assimilação do trabalho. Com raras surpresas, Agnaldo Timóteo, Altemar Dutra, Ângela Maria, Nelson Gonçalves e Roberto Carlos, apenas para citar alguns, conseguiam ultrapassar, com tranquilidade, a marca de 100 mil cópias, numa época em que a média geral era bem inferior.

Em 1972, no entanto, três novos nomes revolucionaram o mercado fonográfico brasileiro, fazendo uso de uma linguagem pura e popular, que logo obteve resposta satisfatória junto ao público comprador. Eram eles José Augusto, Odair José e Fernando Mendes, e tinham no rádio o grande veículo de divulgação de seus trabalhos. A partir daí, é possível delinear nitidamente um caminho aberto por eles, que permitiu, aliás, uma grande abertura, não só para esse gênero musical, como para todos os demais. Graças a isso, Roberto Carlos já não figura mais isoladamente na relação dos mais vendidos, e a marca dos 100 mil LPs, por assim dizer, passou a ser considerada cota mínima de inúmeros artistas. Com efeito, a partir desse ano (72) o Brasil começou a se firmar como um dos mercados de discos mais importantes do mundo inteiro.

Fernando, qual foi a sua reação ao ver seu primeiro compacto estourado em todo o Brasil?

— "Eu não podia me sentir melhor porque, depois de nove meses batalhando incansavelmente, esse era o único prêmio real para continuar nesse "trem", senão, talvez, até tivesse desistido."

A que você atribui essa popularidade nacional?

— "Em primeiro lugar, eu sempre acreditei na qualidade do meu trabalho. Tinha plena consciência de que ele era dirigido a um determinado tipo de público, não como uma coisa meramente ligada a interesses comerciais. Essa é a minha realidade. Sou filho de pessoas humildes, de uma cidade humilde e, obviamente, isso tem que refletir no meu processo criativo. Todos os veículos de comunicação são importantes para o lançamento do artista, porém o rádio, no caso específico do iniciante, é o mais importante, por ser móvel, etc."

Você acaba de se reconhecer um compositor popular; no entanto, isso, para muita gente, é sinônimo de falta de qualidade.

— "Eu faço realmente aquilo que sinto vontade, nada é forçado. Se é bom ou ruim não interessa. Eu gosto do resultado, e se ele é popular é porque os meus sentimentos são populares. Não posso negar numa manifestação artística as minhas raízes, principalmente porque eu me criei no interior de Minas Gerais, onde as informações chegavam com um considerável atraso, e ouvindo muito rádio. Meus ídolos eram Roberto Carlos, Beatles, Martinho da Vila, Erasmo, Rolling Stones, Luiz Gonzaga, Chico, pessoas que nunca saíram das paradas de sucessos."

Esse vínculo com as raízes populares fica evidente na maneira como você aprendeu a tocar violão?

— "Exatamente, porque aprendi a tocar violão sem estudar música, sem freqüentar conservatórios. Foi um processo de muita observação, de ouvir muito os ídolos populares. Isso tudo explodiu quando resolvi fazer um instrumento com uma lata de óleo usada e arame de estender roupa. Quando todos pensavam que não ia dar certo, comecei a solar trechos de músicas conhecidas. Esse foi o primeiro contato que tive com música, que realmente me emocionou. E quando meu pai me deu um violão de presente, não foi nada difícil tocá-lo."

Fernando Mendes

Em relação às letras de suas músicas, você tem algum propósito específico ao fazê-las?

— "Nunca tive o propósito de dar uma conotação política às minhas letras. Até mesmo quando gravo composições de outros artistas, escolho as que se adaptam à minha maneira de ver as coisas. Se algumas delas, por exemplo, parece ser de protesto, não é uma coisa proposital, é natural e está refletindo um momento. Nós vivemos uma época em que os conflitos humanos estão em evidência. Falar disso é retratar o óbvio de um modo que só vai confirmar tudo que está aí. Por isso prefiro falar de amor, de coisas que vejo por aí: leves e sem compromissos políticos."

À primeira audição, ou melhor, para quem não conhece seu processo criativo, suas letras parecem narrativas de ficção.

— "Realmente, as minhas letras são quase todas de ficção. *Cadeira de Rodas* é uma das poucas que é inspirada em um fato real, como *Sádico Poeta*, do meu último LP, que tem como base a poesia da Bahia, Castro Alves, etc."

Você tem predileção por que tipo de leitura?

— "Gosto muito das coisas de que eu posso tirar algum proveito, como a Bíblia, por exemplo. Isso não significa que eu seja protestante ou coisa parecida, é claro que tenho uma convicção religiosa. Também gosto de ficção, do tipo *Eram os Deuses Astronautas*, *As Profecias de Nostradamus*, etc. Recentemente li *Não Caia das Montanhas*, escrito pela atriz americana Shirley Maclaine, que é um dos melhores retratos narrados já publicados."